

O FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO E SUA IMPORTÂNCIA NA RESOLUÇÃO OU AGRAVAMENTO DO CONFLITO PALESTINO-ISRAELENSE

Prof. Dr. Martin N. Dreher
UNISINOS

Para início de conversa

Há pouco, li um texto que envolve locutora de rádio, nos Estados Unidos da América do Norte. Seu nome é Laura Schlesinger. Pode-se telefonar para ela e receber conselhos. Nesses conselhos ela gosta de se valer de interpretação fundamentalista da Bíblia. Recentemente, afirmou que o homossexualismo deve ser condenado por ser considerado uma abominação em Levítico 18,22. Um ouvinte atento de seus programas enviou-lhe correspondência irônica, posteriormente divulgada pela *Internet*. Vejamos o texto dessa carta:

Estimada Dra. Laura,

Muito obrigado pelos grandes esforços que faz para aproximar as leis de Deus das pessoas. Aprendi algumas coisas em seu programa e procuro compartilhar os conhecimentos adquiridos com outras pessoas. Necessito, porém, de alguns conselhos de sua parte em relação a algumas leis especiais e sobre como devo cumpri-las.

- Quando sacrificar um touro no altar como holocausto, sei que isso representa aroma agradável para o SENHOR (Levítico 1,9). O problema são meus vizinhos. Eles afirmam que o aroma não lhes é agradável. Devo imolá-lo?

- Muito gostaria de vender minha filha como escrava, como é permitido em Êxodo 21,7. Qual seria em nossos dias o valor mais adequado para a sua venda?

- Levítico 25,44 constata que posso ser proprietário de escravos, tanto masculinos quanto femininos, caso os adquirir de nações vizinhas. Um de meus amigos pensa que isso se refere aos mexicanos, mas não aos canadenses. Você poderia esclarecer-me essa questão? Por que não posso ser proprietário de canadenses?

- Em Levítico 21,10, é dito que não posso me aproximar do altar de Deus, caso meus olhos estiverem acometidos de doença. Devo observar que uso óculos. Minha visão tem que ser perfeita ou existe um jeitinho?

- Meu tio é agricultor. Ele infringiu Levítico 19,19, porque cultivava dois tipos diferentes de semente na mesma lavoura. Além disso, a mulher dele usa vestidos feitos de dois tecidos distintos (algodão e polyester). Ele profere impropérios e blasfema seguidas vezes. Será que é realmente necessário fazer toda aquela movimentação e reunir toda a aldeia para apedrejá-lo (Levítico 24, 10-16)? Não basta que o queimemos em uma cerimônia menor, familiar, como se faz com pessoas que se deitam com sua sogra? (Levítico 20,14).

- Sei que você se ocupou detidamente com essas questões, por isso também estou confiante em que possa nos auxiliar. E, mais uma vez, muito obrigado por nos lembrar que a palavra de Deus é eterna e imutável.

- Seu afeiçoado discípulo e fã Jake¹.

¹ Publicado em *Zeitzeichen*. Evangelische Kommentare zu Religion und Gesellschaft. 2 (12) 2001: 73.

1 Você é fundamentalista?

“Você é fundamentalista”? Se a pergunta nos fosse dirigida, certamente responderíamos com um sonoro “não”! O conceito fundamentalismo tem sua origem na palavra fundamento. Não há casa que possa ser construída sem fundamento, não há argumento que possa ser formulado sem fundamentos, não há existência humana sem fundamento. Nesse último aspecto, todos somos fundamentalistas, pois todos necessitamos de fundamentais, de fundamentos, de alicerces para a nossa existência, e quem deles desistir estará desistindo de si mesmo. O trágico das formulações de nossos dias, porém, é que “fundamentalistas” são sempre os outros, jamais nós mesmos.

É bom lembrar que a palavra “fundamentalismo” tem sua origem no Ocidente cristão e é fruto e decorrência do que se convencionou designar *Modernidade*. Os maiores fundamentalismos encontram-se no Ocidente. Foi aqui que foram gestados, em oposição à Ilustração² e ao Liberalismo³ e são filhos diletos do Romantismo⁴. Na época do Romantismo, contemporâneo do Colonialismo do século XIX e da primeira metade do século XX, foi exportado para os continentes colonizados pelas potências do Atlântico Norte.

² Movimento filosófico do século XVIII que se caracterizava pela confiança no progresso e na razão. Desafiava a tradição e incentivava a liberdade de pensamento.

³ Conjunto de idéias e de doutrinas que visa a assegurar a liberdade individual na política, na moral, na religião.

⁴ Movimento que substituiu a Ilustração e os antigos modelos clássicos, procurando situar a existência humana num todo que envolvesse céus e terra. Daí que privilegiou os mitos da Antiguidade, da Idade Média e, não raro, da Reforma, culminando, muitas vezes, num movimento de Restauração de valores poéticos, religiosos e políticos.

A temática do fundamentalismo voltou a ser enfocada, após os acontecimentos de 11 de setembro de 2001, quando aviões foram, intencionalmente, lançados contra o coração financeiro norte-americano, em Nova Iorque, e contra o coração militar norte-americano, o Pentágono, em Washington. Fundamentalistas islâmicos foram acusados de serem os autores do atentado.

As pessoas, que planejaram os ataques suicidas de Nova Iorque e de Washington, certamente, estavam convictas de que o faziam em nome da luta do bem contra o mal. Essa sua convicção é denominada de Maniqueísmo⁵, típica das pessoas que não vislumbram mais o arco-íris, mas só vêem preto e branco, luz e trevas... Seus argumentos não precisam ter sido religiosos. Os argumentos do presidente Bush, ao jurar vingança, foram semelhantes: ‘Vamos eliminar o mal deste mundo’. Bush não precisa ter feito suas colocações necessariamente religiosas. Não são apenas fanáticos religiosos que precisam de argumentos para justificar seus atos, que a maioria chama loucura. Muitas vezes (na maioria das vezes?), quando procuramos argumentos para definir nossos fundamentos, procuramos por inimigos. Os proprietários e os acionistas da indústria de armamentos precisam de argumentos para dizer que são fundamentais. Aí o bom passa a ser mau e o mau passa a ser bom. Quando Saddam Hussein usou armas químicas contra curdos e iranianos, era bom e boas eram as armas químicas. Quando passou a criticar os fornecedores dessas mesmas armas, passou a ser mau e más eram as armas químicas. Bom era Osama Bin Laden, ao tempo em que, em Hollywood, se filmava Rambo 3. Aí os afegãos muçulmanos eram bons. Eram, nas palavras de Ronald Reagan, heróis semelhantes aos pais fundadores dos Estados Unidos da América do Norte. Treze anos depois são maus. Em 11 de setembro de 1973, 28 anos antes de

⁵ Doutrina desenvolvida pelo persa Mani (século III), segundo o qual o universo foi criado e está dominado por dois princípios antagônicos: Deus e Diabo. Por isso, só há dois princípios opostos: bem e mal.

11 de setembro de 2001, o palácio presidencial de Santiago do Chile ardeu em chamas e o presidente Salvador Allende foi assassinado. O ato foi considerado bom, pois, segundo Henry Kissinger, o país “se havia tornado marxista em decorrência da irresponsabilidade de seu povo”. Todos os fundamentalistas se parecem: os religiosos e os do mercado. Os religiosos, porque vivem dos dogmas da fé; os do mercado sempre, porque, para eles, o mais importante são as leis que regem a compra e a venda de seus produtos. Desprezam vidas humanas. O trágico é que, enquanto desprezam vidas humanas, o fazem em nome da Única Verdade. As atrocidades do movimento guerrilheiro Sendero Luminoso, no Peru, prepararam as atrocidades do presidente Fujimori. As atrocidades do Oriente Médio prepararam as atrocidades do terrorismo feito em nome de Alá. Não é Alá quem comete os crimes feitos em seu nome. Não foi Deus quem encomendou aos nazistas o holocausto judeu; não foi Deus quem encomendou a expulsão dos palestinos de suas terras. O maniqueísmo, do olho por olho e do dente por dente, deixa o mundo cego, sem olhos, e desdentado. Depois de as vacas terem ficado loucas, os seres humanos enlouquecem. Os seres humanos criaram sistema que provoca loucuras, em nome da Verdade Única.

2 Fundamentalismo

Quem se ocupa com a temática *fundamentalismo* avança por um território escorregadio. Quanto mais cresce o caudal da literatura acerca do fundamentalismo, tanto mais difusos se tornam os contornos do conceito e da própria questão. Por isso seria importante caminhar por todo o desenvolvimento do cristianismo, desde o século XVII, para que pudéssemos entender o que,

mais recentemente, começou a se chamar de fundamentalismo⁶. Há um uso realmente inflacionário do conceito e ele vai sendo usado de forma mais ampla. Em decorrência, questões da política secular também passaram a ser caracterizadas como fundamentalismo. Penso nas posturas dos Partidos Verdes. Além disso, todas as formas de conservadorismo passaram a ser caracterizadas como fundamentalismo, tenham elas sido políticas ou religiosas. Nos meios universitários, tem acontecido que a pessoa que defende sua posição com entusiasmo e veemência é caracterizada como “fundamentalista”.

Pode-se suspeitar que a conjuntura, na qual o tema fundamentalismo aparece, está ligada aos contornos nada precisos do conceito e da questão fundamentalismo. Quanto mais imprecisos são os contornos, tanto mais facilmente se pode caracterizar algo ou alguém como fundamentalismo ou fundamentalista. A isso devemos aduzir, ainda, o fato mencionado antes de o conceito sempre ser usado em relação ao outro: sempre são os outros que são fundamentalistas.

No início do uso do conceito, porém, a situação era outra. Grupos de cristãos protestantes conservadores deram a si mesmos essa designação no começo do século XX, nos Estados Unidos da América do Norte. Entre 1909 e 1915, foi publicada nos Estados Unidos uma série de textos, com edição superior a três milhões de exemplares, com o título *The Fundamentals – a Testimonium to the Truth* (Os Fundamentais – um Testemunho em favor da Verdade). Do título dessa série saiu o nome de um movimento, formado, no último terço do século XIX, por grupos de cristãos conservadores evangélicos. Esse foi crescendo, principalmente graças ao suporte financeiro de leigos bem-estabelecidos. Temos aqui o nascimento do fundamentalismo

⁶ Na impossibilidade de fazê-lo nesta conferência, remeto a meu livro *Para entender o fundamentalismo*. São Leopoldo: Ed. Unisinos, 2002 (Coleção Aldus 1).

protestante, que determinará os Estados Unidos da América do Norte e que, em pouco tempo, começará a ser exportado para outros continentes e países.

Os *fundamentalistas* viam-se como contra-ofensiva a um modernismo que, assim diziam, havia se apossado do mundo protestante. Particularmente, esse fundamentalismo primeiro entendia-se como contra-ofensiva a uma Teologia orientada em método, que estava interpretando os conteúdos da fé, especialmente os textos bíblicos, a partir de uma perspectiva histórico-crítica. O protestantismo, e esse era o seu pecado, estava se aliando à ciência moderna. Frente a esse modernismo, os fundamentalistas opuseram seus *fundamentals* (fundamentais). *Fundamentals* eram os conteúdos de fé, verdades absolutas e intocáveis, que deveriam ficar imunes à ciência e à relativização por meio do método histórico. Veja-se que se valeram de terminologia muito semelhante à do catolicismo romano do final do século XIX.

Foi assim que alguns temas passaram a ser considerados *fundamentals*: a inspiração verbal⁷, literal, da Bíblia; a afirmação da verdadeira divindade e do nascimento virginal⁸ de Jesus, seu

⁷ Desenvolve-se, entre muitos protestantes, contra a leitura histórica e crítica dos textos bíblicos, a convicção de que cada palavra, cada letra do texto bíblico foi “inspirada”, ditada pelo Espírito Santo a seus autores. Daí também muitos afirmarem a “inerrância” do texto bíblico: a Bíblia não ensina nada que seja cientificamente inexato. Se no Gênesis, por exemplo, a criação se deu em sete dias, estes sete dias são, realmente, sete dias de 24 horas. Nesse caso, os fósseis que encontramos foram criados por Deus e por ele colocados na terra. Eles não provam períodos maiores para a criação, muito menos a evolução das espécies.

⁸ Desde os primórdios do cristianismo, partindo da leitura dos Evangelhos de Mateus e de Lucas, o cristianismo tem afirmado que a concepção de Jesus seria atividade do Espírito Santo em Maria, sem o concurso de pai humano. Quando do nascimento de Jesus, o hímen de Maria teria permanecido intacto, tendo a mãe de Deus sido e permanecido virgem.

sacrifício expiatório vicário⁹, através do seu sangue derramado, e de sua ressurreição corporal; a segunda vinda de Cristo à Terra, na época vista como iminente, com sinais apocalípticos ou com o retorno para um reino milenar, intermediário; negativa de aceitação dos resultados da ciência moderna, quando não correspondiam ao que denominavam “fê bíblica”; exclusão do *status* de verdadeiro cristão de todos aqueles que não aceitavam esse fundamentalismo.

Os *fundamentals* acima descritos destacam dois aspectos distintos do movimento fundamentalista. No fundamentalismo, temos, em primeiro lugar, oposição e reação contra transformações da religião, determinadas pela Modernidade. O fundamentalista quer defender sua verdade religiosa, ameaçada pelos “poderes” da Modernidade: pluralismo, relativismo, historicismo e destruição de autoridades. Quando estudamos os conteúdos dos discursos e da autocaracterização dos movimentos fundamentalistas, deparamo-nos com diagnóstico básico acerca da relação de religião e Modernidade: o fundamentalista não pretende a modernização da religião, mas fundamentação religiosa, explícita, da Modernidade. Isso vale para os fundamentalismos em qualquer parte do mundo. Não se busca concepção secular do estado de Israel, mas sua fundamentação teocrático-religiosa. Não se busca secularização do cristianismo, mas recristianização do mundo ocidental. A esse aspecto devemos acrescentar, em segundo lugar, outra característica dos movimentos fundamentalistas. Ela trata da relação entre religião e política. Os adeptos do movimento fundamentalista cristão estavam convictos, desde o início, de que a política deveria ser cristã: o mundo ocidental tem que voltar a ser cristão. Nesse aspecto, os fundamentalistas se

⁹ A concepção do sacrifício expiatório e vicário vem, originalmente, do judaísmo, onde um cordeiro era imolado a Deus em lugar do pecador e em seu favor, para o perdão, expiação de sua culpa, pecado. No cristianismo, Jesus passa a ser visto como o cordeiro de Deus que tira o pecado do mundo, em virtude de sua morte na cruz.

distanciavam de seus pais quietistas¹⁰. Em conseqüência, exigiam que o Estado defendesse, nas escolas públicas, sua concepção bíblico-fundamentalista do ser humano. No Estado norte-americano do Tennessee, um professor de biologia chamado *Scopes* teve que se defender em juízo da acusação, por parte de fundamentalistas, de que transmitira a seus alunos a teoria da evolução das espécies de Charles Darwin. Bem ao estilo fundamentalista, *Scopes* acabou sendo advertido pelo tribunal. O caso de *Scopes* evidencia que, para o fundamentalismo, a verdade religiosa é pressuposto para a ação política. Seu alvo é a sociedade perfeita. A sociedade perfeita só se estabelece, quando todos se submetem à verdade religiosa, assim como foi ditada pelo Espírito Santo a determinadas pessoas e fixada nas páginas inerrantes, incapazes de erros, do texto bíblico. Ora, nesse aspecto, o fundamentalismo teve no *Syllabus*¹¹ papal um grande companheiro. Ambos são filhos da mesma época.

Essa investida sobre a política, em nome da religião, é aspecto central dos movimentos de renovação religiosa que começaram a se formar em todo o mundo, desde a década de 1970. Para caracterizá-los, passou-se a usar o conceito *fundamentalismo*, que na realidade é ampliação do conceito fundamentalismo original, com o qual nos deparamos no final do século XIX e início do século XX. Em 1977, por ocasião de eleições para o parlamento de Israel, o Partido Trabalhista, que representava um socialismo leigo e democrático, perdeu a maioria. Em contraparti-

¹⁰ Concepção que se opõe a qualquer tipo de ativismo, seja ele ético ou religioso. Como Deus é todo-poderoso, devemos submeter-nos ao destino e desistir de qualquer intervenção do desenrolar normal das coisas.

¹¹ Em 1864, o Papa Pio IX publicou um *Syllabus* de erros, entre os quais nomeou o racionalismo, indiferentismo, socialismo, comunismo, sociedades bíblicas, independência do Estado em questões culturais e educacionais. Rejeitado estava o mundo moderno e a separação de Igreja e Estado. Os sacerdotes foram obrigados a prestar juramento antimodernista, em 1910, no pontificado de Pio X.

da, um movimento sionista¹² passou a ter crescente influência. Ele estava determinado pela religião, pela aceitação de um parâmetro religioso que dizia da relação especial de Deus com o seu povo eleito. Sem esse aspecto religioso, não se pode entender a colonização dos territórios ocupados nos últimos anos por Israel. Ela representa o fim de uma concepção secular de Estado e sua substituição por uma identidade baseada na *Eretz Israel*, a Terra de Israel, da promessa bíblica. O interessante é que também fora do Estado de Israel, na dispersão judaica, começa a se fortalecer um judaísmo religioso, que encontramos, por exemplo, no *Teshuva*, o movimento dos “arrepentidos que retornam”, ou num tipo de literatura, na qual os autores confessam seu retorno ao judaísmo religioso.

Dois anos após as mudanças ocorridas em Israel, o Ayatollah *Khomeini*¹³ retornava a Teerã, proclamando uma república islâmica, em 1979. No mesmo ano, muçulmanos armados ocuparam a mesquita de Meca, em protesto contra a família real que governa a Arábia Saudita. Os dois fatos não surgem do acaso, mas fazem parte de movimento que vem de longa data e que busca a reislamização¹⁴ do mundo islâmico, com o objetivo da expansão universal do Islão. É reação à Modernidade ocidental, levada ao mundo islâmico pelo colonialismo europeu. Esse movimento vai da Malásia ao Senegal, do deserto africano às anti-

¹² Em sua obra *O Estado Judaico*, o escritor e jornalista Theodor Herzl (1860-1904) argumentava que, como nem a integração e assimilação dos judeus conseguiram acabar com a perseguição a eles, a única solução seria lhes dar um Estado próprio. Essa concepção foi chamada de *sionismo*, palavra vinda do monte Sião, colina sobre a qual Jerusalém foi parcialmente construída.

¹³ Líder religioso do Islã, no Irã, principal responsável pela derrubada da monarquia iraniana e introdutor da República islâmica naquele país.

¹⁴ O conceito parte do pressuposto de que, em decorrência do colonialismo imposto pelas potências européias, muitos costumes ocidentais foram introduzidos nos países de tradição islâmica. Esses costumes devem ser banidos, sendo substituídos pela antiga tradição islâmica.

gas repúblicas soviéticas e, entretanto, se localiza nas periferias das metrópoles européias e latino-americanas.

No mesmo ano de 1979, em que Khomeini proclamava a república islâmica (1979), nos Estados Unidos da América do Norte o pregador eletrônico *Jerry Falwell* fundou o movimento “Moral Majority”, com o qual buscava recrutar e organizar politicamente os mais de 60 milhões de norte-americanos que se denominam “cristãos renascidos”. A vitória eleitoral de *Ronald Reagan*, em 1980, foi conquistada com o apoio da “Moral Majority” e de movimentos similares. Entre os pré-candidatos republicanos estava *Pat Robertson*, pregador da Igreja eletrônica¹⁵.

Os exemplos podem ser continuados. No campo católico-romano, formam-se grupos tradicionalistas, integralistas, cujo representante mais extremado foi o bispo *Lefebvre*, na França, e *Plínio Correia de Oliveira*, fundador do movimento *Tradição, Família e Propriedade*, no Brasil, onde contava com o apoio de bispos, como Dom Sigaud e Dom Eugênio de Castro Meyer. No protestantismo brasileiro, surgiu, por ocasião da Constituinte brasileira da década de 1980, o “Bloco Parlamentar Evangélico”, que pretendeu introduzir na Constituição parágrafos que proibiam, por exemplo, a homossexualidade. Desde o final da década de 1990, há tentativas de tornar o Partido Liberal (PL) um partido evangélico.

Quando se verificam ou listam esses fatos, só se pode chegar à conclusão de que a religião retornou à história. Não conseguimos mais entender a situação do mundo atual, se não estivermos dispostos a reconhecer que a religião também é um fator do processo histórico.

¹⁵ Desde a década de 1960, surge novo fenômeno religioso, com a utilização de redes de TV para a transmissão de programas religiosos. Como eles não criam comunidades religiosas, no sentido tradicional do cristianismo, passou-se a usar o conceito “Igreja eletrônica” para designar o movimento. Vivia e vive de doações em dinheiro e da venda de produtos religiosos via canais de televisão.

Para quem foi formado na tradição iluminista ocidental, também preparada por movimentos, como o pietismo, essa constatação é sinistra. É sinistra, pois o surgimento de movimentos fundamentalistas evidencia que a história da Modernidade segue um curso diferente do que o propalado pelo culto à razão. A razão ilustrada tinha certeza do progresso, da evolução, assegurava que a religião atrapalhava o ser humano na realização de seu verdadeiro destino. No decorrer do processo emancipatório da história, quanto mais o ser humano se emancipasse de Deus, a religião iria desaparecer sempre mais, passando a fazer parte de um estágio ultrapassado da história da humanidade. Alguns chegaram a afirmar que, caso não viesse a desaparecer totalmente, iria ser privatizada, sem ter qualquer influência na conformação da sociedade. Para esse tipo de pensamento, os movimentos fundamentalistas são estranhos e perigosos. Eles são a comprovação de que verdades religiosas podem voltar a dominar o ser humano, que o ser humano pode voltar a viver sem as luzes da razão, que pode mergulhar novamente nas trevas. Na teoria iluminista sobre a religião essa volta não estava prevista.

Daí decorre o fato de, tanto em folhetins, quanto em publicações da área das ciências sociais, se poder ler a afirmação de que fundamentalismo representa perigo, por ser fanatismo religioso ou político, renovação das “trevas” da Idade Média, fim das luzes da razão. Fala-se em “tentação fundamentalista”, em “fantasma”, que estaria perpassando o mundo moderno, que seria necessário “construir diques” contra o “dilúvio fundamentalista”.

No entanto, o retorno da religião não é apenas fundamentalismo. É necessário que se pergunte pela importância cultural desses movimentos religiosos. Eles são expressão autêntica da cultura de nossos dias. O fundamentalismo é expressão da própria Modernidade. A própria Modernidade criou fundamentalismos, como a crença no fim da religião, no progresso da história... O fundamentalismo não é mero tradicionalismo ou antimodernismo. Seja permitido um trocadilho: ele é um antimodernismo

moderno. Ele surge em meio a condições culturais de uma sociedade secular ou que está começando a se secularizar.

Para evitar generalizações, é importante lembrar que a Modernidade foi determinada, em seu surgimento e em sua história, por esperanças seculares de salvação e por promessas seculares de redenção, com caráter religioso-secular. A Modernidade secular tem a sua história religiosa, sua secularidade religiosa. A própria Modernidade está baseada em fundamentalismos, que podem ser expressos na trindade: fé na História, como história do progresso do mundo; fé na Ciência, como crença popular; fé na Política, como messianismo político. Basta lembrar a transformação das proposições do pai do Positivismo, Augusto Comte, em Religião da Humanidade, com larga difusão no Brasil até 1945. Basta lembrar a transformação da teoria da evolução das espécies de Darwin em dogma. Basta lembrar a idéia do paraíso socialista de Karl Marx e na quase transformação em religião dos pressupostos marxistas. Algo semelhante está a acontecer com a dogmatização de teorias econômicas mais recentes.

Na sociedade ocidental atual, parece que a marcha vitoriosa do fundamentalismo religioso secular está despida de sentido ou vai perdendo sentido. Há uma crise da história religiosa secular. A Modernidade está insegura quanto à sua fé, à sua certeza secular. O progresso das ciências realmente leva ao fim das misérias? O progresso da história realmente leva ao fim de guerras e de matanças? Esse é o pano de fundo para podermos entender o surgimento de movimentos fundamentalistas.

Aqui temos a base para entender a diferença do fundamentalismo atual em relação ao fundamentalismo do início do século XX. No início do século XX, fazia-se oposição às crenças seculares, ao cientificismo, à fé no progresso. Hoje se buscam respostas fundamentalistas a questões surgidas com a perda da certeza secular. O Islamismo observou isso muito bem em relação ao Ocidente. A emancipação de Deus levou a maior exploração do humano. A emancipação da mulher levou a que pudesse

ser mais facilmente explorada no mercado de trabalho e no consumismo sexista. Seu grande discurso é o da rejeição dos valores da cultura ocidental, pois no próprio Ocidente se evidenciou que a história da Modernidade ocidental é questionável, pois fragmentária.

O adepto dos movimentos fundamentalistas reporta-se à tradição religiosa pré-iluminista e sabe-se carregado por um fundamento que precede e que crê ser “mais forte” do que a questionável orientação no “humanismo secular”, no qual os fundamentalistas norte-americanos, por exemplo, vêem seu principal adversário. Num mundo no qual a autoridade desmorona, o fundamentalista se sabe abrigado por uma autoridade que escapa à dúvida, à problematização e à dissolução modernas.

A visão de história do fundamentalismo olha para o tempo em que se vivia de acordo com a vontade de Deus, mira o futuro escatológico e apocalíptico, o futuro preparado por Deus para o fim dos tempos, e apresenta uma possibilidade de interpretação e de absorção coerente do presente. Em sua crise, o presente é, justamente por causa dos sinais de sua decadência, prenúncio e garantia da salvação que vem.

Por causa de sua importância para o comportamento ético individual, pode-se chamar a *conversão* como outra característica do fundamentalismo. Ela está relacionada à garantia de uma postura fundamentalista frente às experiências de crise do mundo moderno. A experiência da conversão é norma de vida em muitos movimentos fundamentalistas. Ela tem significado como orientação e sentido para a vida. Por causa da conversão, a biografia do convertido adquire contorno e segurança. Ela pode ser estruturada a partir da conversão. “Conversão” significa, numa perspectiva sociopsicológica, saber a que lugar pertencemos em consequência de nossa biografia.

O fundamentalista experimenta a sociedade, que o cerca, em decadência moral e anômica, sem lei e sem normas. Por isso, a comunidade fundamentalista lhe concede descanso e segurança

em virtude de suas regras severas e normativas. Com isso, o fundamentalismo se torna convidativo e atraente para parcela significativa da humanidade, pois ele oferece segurança, em meio a verdades que se desvanecem, porto seguro, em meio a pluralidade, a relativizações e dissoluções das certezas antigas. Assim, o fundamentalismo torna-se instrumento de verificação para uma Modernidade que laborou em equívoco e que produziu monstros em nome de uma outra divindade, que não é Javé, nem o Pai de Jesus, nem Alá, mas o Mercado. Nosso mundo busca, desesperadamente, uma nova ordem de valores.